

Quadro melhor contém alta

No Palácio do Planalto, as previsões do Ministro da Fazenda, Guido Mantega, de que a taxa básica de juros (Selic) poderá cair já no segundo semestre, são vistas com euforia. "Seria a coroação das boas notícias que o governo deu ao país nos últimos dias", afirma um dos auxiliares mais próximos do presidente Lula. Mas, apesar do desejo, ninguém se arrisca a dizer que o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, seguirá em tal direção.

Nas conversas mais recentes de Meirelles com Lula, o presidente do BC admitiu que a inflação deu, sim, uma folga, diante dos reajustes menores dos alimentos. Mas, por enquanto, essa folga é para o Comitê de Política Monetária (Copom) não aumentar a Selic, hipótese que, até o início de fevereiro, era bastante elevada. Na avaliação do BC, ainda há muita pressão sobre os preços e a demanda interna continua muito aquecida, facilitando reajustes acima do necessário, inclusive nos preços dos serviços.

O BC está preocupado, ainda, com o controle das expectativas do mercado.

Apesar de as projeções estarem ancoradas no centro da meta de 4,5% definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), nos últimos encontros que os diretores do banco tiveram com economistas, a grande maioria destacou a necessidade de rigor com a política monetária. Para os especialistas, tanto neste ano quanto em 2009, a inflação ficará muito próxima da meta. Ou seja, não há como ter des- cuido por parte do Copom, pois o risco de o Índice de Preços ao Consumidor (Amplo) saltar para 5% ou 6% é real. (VN)